



Nuno Costa Santos

Crónicas do Corpo Santo

Açoriano e Irlandês

Encontro na net um artigo de Katie Walsh, publicado no Irish Times, sobre a *irishness*. Sempre me interessou a *irishness*, até porque quando fui pela primeira vez à Irlanda senti-me (especialmente) açoriano. A vontade de fazer pela minha terra acentuou-se. A *irishness* e a açorianidade, sentimentos identitários insulares, comunicam. A Irlanda é um país. A História é fundamentalmente diversa. As duríssimas batalhas também. A circunstância de haver uma língua irlandesa distancia. Mas há rimas: a Irlanda e os Açores têm uma paisagem aparentada, um passado de grave pobreza e muita emigração, uma prática comunitária intensa, um importante número de escritores por metro quadrado e algumas das gradas figuras irlandesas tiveram de se afirmar fora da Irlanda, mantendo um vínculo – problemático, por vezes –, mas sempre um vínculo, com o território. E voltaram, muitas vezes. No caso de James Joyce, pela escrita. Sim, o que tanto escrevi noutros países, com a sua surfada experimental, tem um chão irlandês.

Em Dublin, ao cruzar-me com as casas dos escritores, os museus literários, o irónico fantasma de Oscar Wilde e a romântica sombra de Yeats, ao ouvir os passos de Samuel Beckett no Trinity College, ao escutar actores a lerem excertos de textos de autores irlandeses, ao seguir os guias por essa *city of literature*, ao fazer o percurso pelos pubs onde paravam (paravam talvez não seja bem o termo) personalidades míticas como Patrick Kavanagh, Brendan Behan e Flann O'Brien, ao ir às livrarias, que tratam os autores irlandeses e os livros sobre a cultura e História irlandesas com demarcada atenção, sem se deixarem ir em fechamentos e chauvinismos provincianos e deslumbrados, ao folhear as inúmeras revistas literárias, como a Dublin Review e a (mais recente) Banshee, acendi em mim uma vontade semeada quando fui lendo, a partir da casa dos 20, autores açorianos, a maior parte deles desconhecidos. Pensei e, mais do que isso, senti: por que não aprofundar na minha terra, com encontros, leituras públicas, residências, revistas (e mais), uma maior atenção à literatura, sobretudo a que, pela qualidade, merece divulgação? Porque não fazer justiça e elevar algo em que os Açores se destacam? Imaginei

um arquipélago, culturalmente, como a Irlanda é: que valoriza os seus escritores. Que faz da cultura um modo de se apresentar.

Não contei ainda aqui mas contei-o no romance, com realidade dentro, “Céu Nublado com Boas Avertas”. Numa leitura colectiva de “Finnegans Wake”, de Joyce, numa das voltas pelos leitores, coube-me ler um excerto. Este: “This shack’s not big enough for me now. I’m dreaming of ye, azores”. Coincidência extraordinária. Tão longe, tão distante, num romance que é um doído emaranhado de referências, Joyce nomeou o arquipélago. Um acaso. Desta feita, não por acaso, no primeiro número da revista Grotta publicámos um dossier de novos poetas irlandeses, traduzidos por Hugo Pinto Santos, como David Wheatley (n. 1970) Billy Ramsel (n.1977) ou Ailbhe Darcy (n.1981). O lançamento aconteceu no O’Gilins, pub irlandês, plantado há muito no Cais do Sodré, que tantas vezes frequentei na longa temporada lisboense. Com a presença despretenhosa da embaixadora da Irlanda em Portugal. As rimas são para regar e crescer.

De volta ao artigo referido no início do texto. Katie Walsh revela o que também acontece com muitos açorianos: quando foi viver para fora, no caso Londres, tornou-se mais consciente da sua identidade cultural, da forma como o mundo olha a Irlanda e de como, no campo, se quisermos, mais convencional-tradicional, os irlandeses se consideram irlandeses. Tornou-se mais desperta para o cepticismo com que os irlandeses, apesar de serem tão quentes, acolhedores e conviviais, tratam aqueles que se identificam como irlandeses mas, por alguma razão (viverem longe é uma delas, não ter sotaque é outra), não cabem no estereótipo do que é ser-se, autenticamente, irlandês. Que vai da luta pela independência ao futebol. Da religiosidade à música e à tradição oral feita de lenda e mitos. E se desenha com outros condimentos ancestrais.

Walsh faz um *mea culpa* em relação ao facto de ter sido tão desdenhosa na sátira que fez a amigos e familiares. Relembra um amigo que foi viver para Galway, vindo da capital britânica, quando tinha 13 anos. Filho de Irlandeses, ia à Irlanda nas férias. Era um irlandês a viver em Inglaterra e, quando regressou, com

outro sotaque, apanhou com diversos jorros de gozo e, entre piadolas, foi visto e considerado um estranho à terra. Conclui a cronista: as irlandesas gentes, tantas e tantas delas emigrantes, deviam pensar duas – ou três ou dez – vezes antes de procurarem excluir quem, sendo de dentro, vem de fora. Frequentemente com um sotaque alterado. Questiona, Katie, o que é isso de ser um irlandês “puro” e se quem, por exemplo, é “metade estrangeiro” não pode ser considerado irlandês.

Nos Açores, apesar da reconhecida hospitalidade (numas ilhas mais do que noutras), esse comportamento também existiu e em certos, chamemo-lhes assim, círculos, bastante espalhados, persiste. Pude comprová-lo porque vivi até aos sete anos em Lisboa, cidade onde habitavam os meus pais, ambos açorianos, até voltarem ao arquipélago. No início, quando cheguei a São Miguel, fui algumas vezes chamado de “português” por causa do sotaque. Por uma animosidade qualquer em relação ao continente, considerado, com acinte, outro país. Sei de outros casos, ainda mais evidentes. Hoje não sinto tanto isso (ou não ligo) mas sei, até por ocasionais comentários internéticos, que esse sentimento persiste, aqui e ali. Não me afecta mas convém ser anotado. Porque é revelador de uma concepção muito pequenina do que é ser-se açoriano, capaz de resvalar depressa para a xenofobia e a discriminação relativamente aos “outros” – açorianos a viver fora ou não-açorianos. Porque para alguém se sentir açoriano, para se ter a emoção de se ser açoriano, não é preciso ter ascendência açoriana. Porque conheço pessoas sem nenhum vínculo prévio aos Açores que são açorianos.

A nemesiana açorianidade ou um punhado de hábitos e tradições, muitas das quais valorizo, devem – devem mesmo – dançar com a diversidade, a integração, diferentes formas de viver e olhar o mundo. Um bom orgulho nada tem a ver com o racismo. Já o disse, volto a dizer: há muitas formas de ser açoriano. De, voltando ao paralelo e ajudando a escriba do Irish Times, de ser irlandês. Assumo também: por tudo o que me liga, em modo entranhado, à Irlanda, dos livros ao sentido de humor, sinto-me um bocado irlandês. E tenho a certeza de que posso sê-lo.



Beta Barrão

A vós, minhas eternas Amigas...

Hoje, 28 de janeiro, nós açorianas festejamos a AMIZADE entre nós, Mulheres, numa tradição espalhada além-fronteiras. Pois jamais poderá haver barreiras geográficas na amizade.

Hoje reflito nos inúmeros preconceitos que fui deixando para trás, os que me foram dando conta do real valor de cada das minhas Amigas e do quanto eu de vós gosto.

Hoje são vocês que me compreendem, que me abrem portas novas ou velhas, que me acompanham em processos difíceis ou de mera diversão e restauram o ânimo todos os dias da minha vida.

Hoje digo que aprendi a respeitar as AMIGAS que tenho, a dar-vos a merecida importância, a escutar cada uma por si e a valorizar o caminho da unidade, do enlace e da cumplicidade. Um caminho que nos fortalece, pois sabemos que não estamos sós, estamos unidas, construindo ou reconstruindo-nos.

Hoje quero que, de certa forma confinadas, estejamos juntas, imponderadas, felizes e livres de tudo o que nos perturbe. Afinal, no dia-a-dia normal, podemos estar bem perto ou afastadas geograficamente, mas nunca longe. Há sempre um espaço reservado para cada uma de vós no meu coração.

Hoje digo: Feliz dia MINHAS AMIGAS, às loucas, outras “in”sensatas, às espontâneas, a algumas bruxas, àquelas confidentes, às naturalmente verda-

deiras, a todas as genuínas, a cada uma de vós com coração meigo, Seres maravilhosos que habitam na minha alma... na minha vida.

Hoje ainda guardo no peito amizades perdidas no tempo, com uma réstia de saudade ou lição depreendida. Mas, a AMIZADE HOJE aqui invocada, a que ainda permanece após as intempéries, a forte, a intemporal... a NOSSA AMIZADE, bem... esta permanecerá cravada no meu coração, contra todas as tempestades, furacões ou explosões vulcânicas da vida.

Hoje, publicamente vos digo, da minha mais peculiar forma de ser: ADORO-VOS... cada uma à sua maneira, todas de forma especial... A todas nós um Feliz DIA de AMIGAS.